

AULA DA SAUDADE

Antônio Pessoa Pereira

Atendendo ao convite mui gentil e carinhoso dos concludentes do Semestre 85.1 para que eu proferisse a sua aula da saudade, aqui estou.

De início, tendo convivido com estes jovens apenas dois semestres, durante os quais esforcei-me por instilar em suas mentes um pouco de experiência, alguns leves e esparsos conhecimentos sobre a norma e a estética da "língua inculta e bela" e a arte de fruir e de ensiná-la com deleite e vocação, surpreendeu-me a escolha e fingi não entendê-la.

Conscientes estavam, porém, as mensageiras do convite de que, no desdobrar de uma aula, se inclui, geralmente, aquilo que, entre os professores, se denomina motivação, cuja finalidade é prender a atenção do aluno e levá-lo, imperceptivelmente, a perseguir e, afinal, conseguir o domínio dos conhecimentos expressos nos objetivos que nos propomos alcançar.

Minha surpresa, portanto, esboçada em velado espanto, brotou, naquele instante, como evidente forma de motivação, e... então, ali mesmo, tinha início, quase que simultânea, a prometida aula da saudade: sua estrutura começava a crepitar em minha mente; sua efervescência entrara já em lenta e progressiva ebulição.

Entretanto, todos sabem, só os mestres consumados planejam e executam, em relativo espaço de tempo e sob razoáveis normas didáticas e pedagógicas, uma aula sobre determinado assunto de sua especialidade.

Aula da saudade, porém, parece aula diferente...

Assim sendo, e sendo ela a minha primeira aula no gênero, acerquei-me de certos cuidados: procurei amigos devo-

tados, pedi-lhes ajuda e orientação a fim de que os objetivos, o conteúdo e a metodologia, dentro de princípios de saudável pedagogia, conduzissem a uma avaliação positiva as mentes de todos aqueles a quem se destinavam os ensinamentos que eu pretendia transmitir.

O bom senso ou talvez a sorte encaminhou-me a alguns amigos com os quais mantenho, há bastante tempo, discreta convivência.

Graças a eles, consegui ajuda na elaboração e desempenho da aula que, neste momento, pronuncio.

Acontece que, por uma coincidência sumamente agradável, enquanto os meus alunos estão a se formar em um ano de muitas esperanças e de decantadas e sonhadas transformações na área da educação, devendo, dentro de poucos dias, partir, todos eles,

“... no verdor dos anos,

Da vida pela estrada florescente,

Rindo e cantando, céleres e ufanos...”, (1)

está, também, o primeiro amigo a quem recorri a comemorar o seu aniversário. Muitas pessoas e entidades deste imenso Brasil prestam-lhe, no momento, carinhosas manifestações e, por uma certa associação de idéias, tendo ele quase sugerido um estudo de texto, que poderia, aliás, se encontrar entre os muitos e excelentes que constituem a sua rica obra literária, decidi convidá-lo para participar desta aula, na qual, também ele, seria condignamente homenageado.

Ora, meus amigos, como todos sabem, o texto literário, em torno do qual gravitam elementos formais, estéticos e culturais, é a peça fundamental de uma aula de língua e de literatura. Estudando-o, examinamos-lhe o pré-texto, apreendemos-lhe idéias capitais, assenhoreamo-nos do contexto em que se encontra e, de posse de todos estes acidentes, deduzimos facilmente uma ou mais lições contidas nas múltiplas situações em que ocorrem os fatos e vivem as pessoas nele envolvidas.

Agradecendo, pois, a oferta e sugestão do amigo, pensei, de fato, em fazer do texto o foco para onde convergiria meu estudo.

Feita a escolha, procurei desvendar informações culturais nele existentes, a cadência e melodia de frase que o embelezam, o apuro de forma, o encanto e harmonia de que se impregna e as sutilezas de estilo do autor de:

“Num ângulo do teto, ágil e astuta, a aranha,
Sobre o invisível tear tecendo a tênue teia,
Arma o artístico arдил em que as moscas apanha
E, insidiosa e sutil, os insetos enleia.” (2)

Notando, de certo modo, alguma ligação entre a aula e o texto que eu escolhera, justificava-se plenamente uma homenagem ao próprio autor, cujo centenário celebramos no ano em que se forma a turma amiga e valorosa que aqui se encontra.

Para nos certificar da adequação do texto aos objetivos desta aula, pediria aos presentes que, acolhendo festivamente o poeta Da Costa e Silva, é este o aniversariante, atentássemos para a leitura do poema que nos oferece e víssemos se existe, mesmo de leve, alguma sugestão para aqueles que, em breve, hão de deixar o convívio desta casa que a todos abrigou e orientou.

Atentemos, pois, para a leitura do seu poema:

Saudade! Olhar de minha mãe rezando
E o pranto lento deslizando em fio...
Saudade! Amor da minha terra... O rio...
Cantigas de águas claras soluçando.

Noites de junho. O caburé com frio,
Ao luar, sobre o arvoredado, piando, piando,
E à noite as folhas lívidas cantando
A saudade infeliz de um sol de estio.

Saudade! Asa de dor do Pensamento!
Gemidos vãos de canaviais ao vento...
Ai! mortalhas de neve sobre a serra.

Saudade! O Parnaíba — velho monge
As barbas brancas alongando... E ao longe
O mugido dos bois da minha terra... (3)

Da Costa e Silva (1885-1950),
Sangue.

Em sua obra *Pensées Detachées et Souvenirs*, Joaquim Nabuco, o insigne e culto embaixador brasileiro, ao definir o termo *saudade*, diz o seguinte: "Entre todos os vocábulos não deve haver nenhum tão comovente quanto a palavra portuguesa *saudade*. Ela traduz a lástima da ausência, a tristeza das separações, toda a escala de privação de entes ou de objetos amados; é a palavra que se grava sobre os túmulos, a mensagem que se envia aos parentes, aos amigos. É o sentimento que o exilado tem pela pátria, o marinheiro pela família, os namorados um pelo outro, apenas separam-se. Saudade sentimos da nossa casa, dos nossos livros, dos nossos amigos, da nossa infância, dos dias idos." (4)

Pois é o sentimento de amor e de saudade que o extraordinário esteta do verso conseguiu engastar neste primoroso soneto, verdadeira jóia das letras nacionais.

Dele disse Clóvis Monteiro: "Os quatorze versos que compõem *Saudade* (este o nome do soneto) cavaram-me na mente, como já disse, funda impressão, fizeram vibrar, de uma só vez, todas as fibras da minha sensibilidade." (5)

Vemos, portanto, que, acolhendo o soneto que o imortaliza, homenageamos o poeta Antônio Francisco da Costa e Silva, nascido em Amarante, Piauí, em 28 de novembro de 1885, há, precisamente, 100 anos da data em que se realiza esta aula da saudade.

A lembrança, pois, do admirável simbolista de:

"Ringe e range rouquenha a rígida moenda"

se perpetuará, por certo, como uma encantadora "Saudade! Asa de dor do Pensamento", na mente de jovens que lutaram e venceram na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará, cuja maioria cultural, neste trigésimo aniversário de sua fundação, coincide com a maioria intelectual dos jovens cavaleiros aqui presentes,

armados e preparados para a luta em prol de uma pátria mais culta, mais digna e mais humana.

Outro amigo, também, se prontificou a me auxiliar na pesquisa e desempenho da minha aula.

De caráter vibrante, jovial e cheio de entusiasmo, achou que, numa aula da saudade, nada melhor do que um conselho aos jovens, no sentido de que aproveitem o momento que passa, contentem-se com o necessário, levem vida simples e, com um sorriso e um beijo, enfrentem as incompreensões e dissabores nas incertas e íngremes escaladas da vida.

O texto, embora simples, se presta à reflexão e dá margem a que, numa homenagem ao próprio autor, convidemo-lo a se fazer presente ao término de curso de jovens como ele, amigos das letras, da beleza e da verdade.

Leiamos, pois, e examinemos as lições de vida e a delicada tessitura de que se reveste o singelo poema:

A UM ADOLESCENTE

Faze do instante que passa
Toda a tua aspiração;
Que o mundo cheio de graça
Caberá na tua mão!

Sê sóbrio: com um copo de água,
Um fruto, e um pouco de pão,
Nem sombra de leve mágoa
Cortará teu coração...

Ama a rude terra virgem,
Com todo o teu rude amor;
Pois colherás, na vertigem
De cada sonho, uma flor.

Sofre em silêncio, sozinho,
Porque os sofrimentos são
O mais saboroso vinho
Para a sombra e a solidão...

E quando, um dia, o cansaço
Descer ao teu coração,
Une à terra o peito lasso,
E morre beijando o chão;

Morre assim como indeciso
Fumo, que nos ares vai,
Morre, num breve sorriso,
Como uma folha que cai... (6)

Ronald de Carvalho (1893-1935),
Poemas e Sonetos.

O autor, que nasceu no "advento do simbolismo, com a publicação do primeiro livro de poemas de Cruz e Sousa"

(Broquéis) é o mesmo que, em noite memorável, no Teatro Municipal de S. Paulo, fez vibrar toda uma platéia sedenta de renovação, recitando, com ardor e contagiante liderança, a celebérrima diatribe:

“Enfunando os papos,
Saem da penumbra,
Aos pulos, os sapos.
A luz os deslumbra”.

Tão grande é o poeta que com vocês se encontra nesta festa de término de curso, que, aos 17 anos (1910), já estréia na imprensa, colaborando no *Diário de Notícias* de Rui Barbosa e, aos 20, em Paris, tendo como companheiros, dentre outros, Alceu Amoroso Lima e Rodrigo Otávio Filho, publica *Luz Gloriosa*, que seria lançada no Rio de Janeiro em setembro do ano seguinte.

Pois bem, agrada-me mostrar-lhes o privilégio de ter, neste ano, como amigo e convidado, um jovem extremamente brilhante que, em Lisboa, conviveu com o grupo de *Orfeu*, era amigo de Mário de Sá-Carneiro, correspondia-se com Fernando Pessoa e dele recebeu palavras de carinhosa afeição quando da publicação de *Luz Gloriosa*: “O seu livro é dos mais belos que recentemente tenho lido”, afirmou o autor de *Mensagem* e de *Cancioneiro*, Fernando Pessoa, ele próprio.

Em uma página admirável pela síntese e rica pelo conteúdo informativo, o jornalista e escritor Peregrino Júnior, reportando-se ao dileto amigo e companheiro Ronald de Carvalho, este o nome do autor, diz o seguinte: “Depois da estréia triunfante com a *Luz Gloriosa* em 1914, de linhagem nitidamente simbolista, sobrevém um largo hiato de silêncio, resurgindo Ronald de Carvalho em 1919 com os *Poemas* e *Sonetos*, de tonalidade parnasiana, mas ainda devendo muito ao simbolismo. A opinião literária do país o festejou com elogios irrestritos e a Academia Brasileira o coroou com justiça. Nesse mesmo ano, publicava ainda a sua *Pequena História da Literatura Brasileira*, inesperada revelação de um prosador e crítico de alta categoria, que mereceu também um prêmio da Academia de Letras. Recebia destarte o poeta, aos 25 anos de idade, de uma só vez, dois prêmios literários de larga repercussão no momento e conquistava uma autêntica, uma definitiva consagração, enquadrando-se desde então tranqüilamente entre os valores centrais da nossa cultura.

Jornalista hábil e fácil — que escrevia diretamente a máquina, e tudo que fazia lhe saía correto e limpo do primeiro jacto — ele, no *O Jornal*, escreve editoriais sobre política internacional e entra em seguida para a redação de *A Pátria*, na fase de Antenor Novais e Milton Prates, passando por último para o *Diário de Notícias*, onde publicou suas *Imagens da Europa*. Daí por diante, alto funcionário do Itamarati, colaborador dos nossos jornais mais importantes, freqüentador assíduo dos nossos melhores círculos literários, Ronald de Carvalho, cercado de uma aura de admiração e estima unânimes, trilhou sempre um suave caminho, sem asperezas e sem declives, escalando em curto prazo uma das situações literárias e sociais mais brilhantes do seu tempo. Em 1922, enfileirando-se resolutamente ao lado de Graça Aranha e Vila-Lobos, ele tomou parte na Semana de Arte Moderna em S. Paulo, e rompeu sem hesitação sólidos e cordiais compromissos, que datavam de 1919. É então que aparece o seu mais marcante livro de poesia: *Epigramas Irônicos e Sentimentais*.

E daí por diante a sua situação literária é constante, intensa e admirável: *Espelho de Ariel* e a 1ª Série de *Estudos Brasileiros* (1922); os belos, os eloqüentes poemas de *Toda a América* e os *Jogos Pueris* (1925); as *Imagens do México* (1929); e a 2ª e a 3ª Séries de *Estudos Brasileiros* (1931); e conferências, e artigos, e ensaios em todos os jornais, em todas as revistas da época. Uma atividade brilhante, infatigável, que só a sua partida para a Europa interrompe em 1932." (7)

Rememorando, pois, a lembrança desse "doce homem cordial", cujo equilíbrio, graça e força do estilo" o situam, sem favor, entre os maiores prosadores da língua portuguesa" e que, por este motivo, "o elegeram, em 1931, Príncipe dos Prosadores Brasileiros", ousou convidá-lo para participar deste término de curso como expoente máximo que é das letras brasileiras, que celebram, neste ano, o cinquentenário de sua trágica morte, ocorrida no dia 15 de fevereiro de 1935.

A beleza da glória dos gênios, em todo o decorrer da História, paira sobranceira sobre o fantasma da fatalidade que os atraiçoa.

Esta a razão de, nesta festa, homenagearmos o poeta e prosador de tantas e imperecíveis páginas literárias.

Outros e outros amigos existem; mas, por razões sentimentais, procurando alguém cuja contribuição trouxesse maior prestígio à beleza desta aula, apresentou-se-me um jovem

poeta, emotivo, filósofo e introvertido. Em luta constante entre emoção e inteligência, apresentando uma poesia múltipla, misteriosa, às vezes, e impressionista, deixa transparecer, no entanto, a genialidade do artista, que concebe, forja e evidencia idéias e sentimentos num estilo sutil, personalíssimo, algumas vezes hermético, mas opulento, sonoro e encantador.

Nesta aula da saudade, já nem poderia deixar em suspense o nome de Fernando Antônio Nogueira Pessoa, lídima expressão das letras portuguesas, nascido a 13 de junho de 1888, dia de Santo Antônio, também português, e falecido no dia 30 de novembro de 1935, há, precisamente, cinquenta anos.

Estamos, como vêem, no cinqüentenário de morte de "um dos maiores poetas portugueses (ao lado de Camões e Antero), e dos maiores poetas europeus", amigo, como disse, do inolvidável Ronald de Carvalho, outro amigo e convidado aqui presente.

A Fernando Pessoa, portanto, que nos está a brindar com um poema tão nosso conhecido onde se percebe e nos enleva "o lirismo claro, simples, leve mas penetrante música da alma, que é o timbre do Pessoa ortônimo", (8) externamos-lhe nossos agradecimentos, convidamo-lo a se fazer presente e lhe pedimos que se recite o mimoso poema que tanto nos encanta:

Ó sino da minha aldeia,
Dolente na tarde calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho,
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto. (9)

Fernando Pessoa (1888-1935),
Cancioneiro.

Caríssimos alunos,

Não nos contentemos, porém, apenas com o lirismo, a ternura e a sutil impregnação de saudade no verso do poeta dos heterônimos. Queremos, mais uma vez, ouvir o poeta, sentir a sua mensagem de otimismo, palpar-lhe o pensamento, e deixar que as emoções jorrem a flux em nossos corações.

Convidemo-lo, pois, uma vez mais, e ouçamo-lo em sua frase curta, rítmica e espontânea:

MESTRE, são plácidas
Todas as horas
Que nós perdemos,
Se no perdê-las,
Qual numa jarra,
Nós pomos flores.

Não há tristezas
Nem alegrias
Na nossa vida.
Assim saibamos,
Sábios incautos,
Não a viver,

Mas decorrê-la,
Tranqüilos, plácidos,
Tendo as crianças
Por nossas mestras,
E os olhos cheios
De Natureza...

À beira-rio,
À beira-estrada,
Conforme calha,

Sempre no mesmo
Leve descanso
De estar vivendo.

O tempo passa,
Não nos diz nada,
Envelhecemos.
Saibamos, quase
Maliciosos,
Sentir-nos ir.

Não vale a pena
Fazer um gesto.
Não se resiste
Ao adeus atroz
Que os próprios filhos
Devora sempre.

Colhamos flores,
Molhemos leves
As nossas mãos
Nos rios calmos,
Para aprendermos
Calma também.

Girassóis sempre
Fitando o sol,
Da vida iremos
Tranqüilos, tendo
Nem o remorso
De ter vivido. (10)

Fernando Pessoa (1888-1935),
Odes de *Ricardo Reis*.

Mas, alunos diletíssimos, além dos nomes agora mencionados, cuja vida e ensinamentos lhes sirvam de incentivo para a consecução de uma sólida e inabalável formação humanística, quantos e quantos expoentes da literatura luso-brasileira poderíamos convidar para tornar esta aula da saudade mais digna de ficar em seus corações a lhes recordar os dias felizes em que, debruçados sobre os livros, todos vocês se deliciavam com os ensinamentos que eles, mestres-

mudos, e os mestres, seus intérpretes, lhes transmitiram na casa que a todos abrigou durante estes abençoados anos de sua formação universitária.

Hoje é a última aula do semestre, a última do curso e desta magnífica plêiade de jovens da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Ceará.

Nesta casa do saber, viveiro colorido de beleza e de alegria, viveu em doce convívio e na mais bela das pugnas do espírito, este punhado de inteligências moças que, dentro em breve, quais valentes e arrojados arautos, se lançarão a difundir, nos mais diversos recantos do Brasil, os frutos do saber de que se nutriu e com os quais há de alimentar crianças e jovens que aí se encontram à espera das benesses da ciência para todos.

Os caminhos da vida que vocês apenas começam a palmar se apresentam pontilhados de incertezas e de obstáculos os mais imprevisíveis.

No entanto, longe de vocês um momento de recuo...

Não esperem, porém, vencer todas as metas de uma só vez.

A luta é longa e lenta, os obstáculos vão-se atenuando pouco a pouco, e a recompensa poderá estar dentro de vocês mesmos todas as vezes em que, como eu, neste momento, tendo sido escolhido para lhes dizer uma palavra de carinho e de incentivo ao magistério, me sinto plenamente realizado e recompensado.

Pois bem, caríssimos alunos, todos vocês, cujas vozes, gestos e fisionomias ficaram impressos em nossa mente e em nossos corações, não de engrossar o formidável elo de amor e de saudade que, a cada ano, se desprende desta casa mas que, vez por outra, a ela retorna vinculado pelos laços sagrados da amizade.

A todos, portanto, que, neste momento, aqui se encontram para ouvir a derradeira preleção de seu mestre, quero saudá-los em meu nome e no de todos os seus professores, desejando-lhes, na sua vida pós-faculdade, que cultivem o saber, permaneçam dignos da vocação de mestres, não decepcionem seus alunos, pratiquem o bem, amem esta imensa pátria brasileira e sejam, em todas as horas, fiéis, dedicados e valorosos soldados de Deus.

NOTAS BIBLIOGRÁFICAS

1. TOMÁS, Pe. Antônio. **Contraste**. In História da Literatura Cearense, 2.º tomo. Fortaleza, Editora Instituto do Ceará Limitada, 1951.
2. DA COSTA E SILVA, Antônio Francisco. **A Aranha**. In História da Literatura Cearense, 4.º tomo. Fortaleza, Edições do Instituto do Ceará, 1962.
3. ————. **Saudade**. In Dicionário Universal Nova Fronteira de Citações Paulo Rónai. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
4. NABUCO, Joaquim. **Saudade**. In Dicionário Universal Nova Fronteira de citações Paulo Rónai, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1985.
5. MONTEIRO, Clóvis do Rego. **Saudade**. In História da Literatura Cearense, 4.º tomo. Fortaleza, Edições do Instituto do Ceará, 1962.
6. CARVALHO, Ronald de. **Poemas e Sonetos**. In Coleção Nossos Clássicos. Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editora, 1960.
7. PEREGRINO JÚNIOR, João... da Rocha Fagundes... **Ronald de Carvalho**. In Coleção Nossos Clássicos. Rio de Janeiro, Livraria AGIR Editora, 1960.
8. COELHO, Jacinto do Prado. **Pessoa**. In Dicionário de Literatura Brasileira, Portuguesa, Galega, Literária. Porto, Direção de Jacinto do Prado Coelho, 1978.
9. PESSOA, Fernando. **Cancioneiro**. In Obra poética. Rio de Janeiro, Aguilar, 1977.
10. ————. **Odes de Ricardo Rels**. In Obra poética. Rio de Janeiro, Aguilar, 1977.